

Representações das práticas e da identidade profissional dos bibliotecários no mundo contemporâneo¹

Magali Lippert da Silva (UFRGS)
Valdir José Morigi (UFRGS)

Resumo: Relato de pesquisa realizada com dirigentes de classe da profissão de Bibliotecário no Brasil. Analisa as representações sociais dos dirigentes sobre a construção da identidade profissional do bibliotecário contemporâneo e suas práticas profissionais. Conclui que os dirigentes percebem a formação de uma identidade voltada à realidade atual, com um mercado de trabalho potencial e modernização da área, motivadas, principalmente, pela atualização e inovações curriculares das faculdades e escolas de Biblioteconomia.

Palavras-chave: Identidade profissional. Representações Sociais. Bibliotecário.

Abstract: This article originates from a research report carried out with classroom controllers of the librarian profession in Brazil. It analyses social representations if the controllers on the construction of the professional identity of the librarian contemporary and practical professionals. It concludes that the controllers they perceive the formation of an identity the current reality, with a market of potential work and modernization of the profession, motivated, mainly, for the update and curricular innovations.

Key-words: Professional Identity; Social Representations. Librarian.

¹ Comunicação oral apresentada ao GT- 6- Informação, Educação e Trabalho.

1 INTRODUÇÃO

A passagem da Sociedade Industrial para a Sociedade da Informação tem como característica marcante a ruptura com antigos paradigmas. Em função disso, emerge o Paradigma Informacional, centrado na economia global, na mundialização cultural e, principalmente, no interesse crescente das organizações e dos governos no controle da informação e na acumulação do conhecimento.

O advento do Paradigma Informacional e o uso intensivo das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) gerou o ambiente propício para a formação do que se convencionou chamar de Sociedade da Informação, uma sociedade global, interligada por redes de comunicação eletrônica, onde é possível a troca de informações em tempo real por pessoas localizadas em qualquer parte do globo.

No entanto, o impacto social das tecnologias de informação e comunicação e o estabelecimento dessa sociedade trouxeram consigo modificações no mundo do trabalho e, por sua vez, na forma como determinadas categorias profissionais passaram a perceber as suas rotinas, profissões e carreiras. Nessa perspectiva, os bibliotecários estariam passando por mudanças na forma como desenvolvem suas práticas profissionais: a passagem da informação em suporte físico para digital, os espaços de trabalho, sua atitude profissional frente ao Paradigma Informacional.

A relevância da pesquisa sobre a construção da identidade profissional dos bibliotecários deve-se ao fato de sua imagem ter sido amparada e atrelada ao espaço das bibliotecas. A visão usual do bibliotecário como sendo o “guardião da memória escrita” ainda desenha a geografia imaginária. No entanto, com as modificações no mundo do trabalho, introduzidas pela ascensão do Paradigma Informacional e pelo impacto e mediação das TICs, surge uma dúvida: a identidade profissional do bibliotecário permanece a mesma? Como este novo cenário, mediado pelas tecnologias informacionais, é capaz de introduzir transformações na identidade profissional do bibliotecário? Como elas são percebidas pelos dirigentes de classe dessa categoria profissional? Quais os fatores que eles identificam como propulsores dessas mudanças?

O objetivo do estudo é compreender como é construída a identidade profissional dos bibliotecários a partir das representações sociais dos dirigentes das entidades de classe da profissão. A pesquisa foi realizada em 2007 com dirigentes de entidades de classe (Conselhos e Associações de bibliotecários) do país e representantes do Conselho Federal de Biblioteconomia.

O estudo, de natureza qualitativa com amostra intencional, utilizou o questionário (em anexo) como instrumento para a coleta de dados empíricos. Além disso, outros documentos e materiais encontrados em sites, em livros, periódicos, etc., auxiliaram na análise dos da-

dos. O questionário foi enviado via correio eletrônico e bem recebido por boa parte dos dirigentes. A escolha do correio eletrônico deu-se em função da abrangência do estudo, que se propunha nacional, e de ser um recurso de troca de informações amplamente utilizado pelas instituições.

O questionário foi enviado a 20 entidades de classe, sendo que 8 retornaram respondidos. É importante ressaltar, ainda, que dos 8 questionários recebidos, 5 deles são do Sul e Sudeste, 2 foram respondidos por homens e 6 por mulheres; 3 por presidentes, 2 por vice-presidentes e 3 por conselheiros. Os nomes dos dirigentes foram alterados para preservação de sua privacidade.

A partir de fundamentos teóricos de diferentes vertentes do pensamento social: Bourdieu (1989), Dubar (1997) e Souza (2006) entre outros, analisou-se o conteúdo dos relatos, aqui entendidos como narrativas. As semelhanças e diferenças na forma de representar as práticas da profissão e o processo de construção identitária pelo qual os profissionais estão passando nos possibilitaram refletir sobre como estão sendo pensados, pelos dirigentes, os projetos futuros para a profissão e identificar quais são os elementos responsáveis pelas mudanças nas práticas e na identidade desse profissional.

2 A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E AS TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO: Representações da Identidade Profissional

Existem, na atualidade, muitas incertezas em relação ao trabalho e ao emprego. O processo de globalização, aliado às políticas de flexibilização e reengenharia, tem modificado a organização do trabalho, colocando muitos trabalhadores na informalidade. Isso tem acarretado alterações na maneira como os indivíduos pensam e agem no processo de produção de bens, prestação de serviços e, certamente, na mudança do perfil do próprio trabalhador. Dowbor (2004), assinala a impressionante mistura de avanços tecnológicos e recuos sociais, sobre os novos setores que surgem e velhos que desaparecem, sobre as buscas de novas dinâmicas organizacionais que estão surgindo no Brasil e em outros países.

O enfraquecimento dos sindicatos, a derrocada do ideal socialista e a permissividade dos governos ao trabalho alternativo (temporário, estagiário, entre outros), vêm causando diversas perdas de direitos à classe trabalhadora. Mais do que nunca os contratos temporários são estabelecidos. O fluxo empregatício da sociedade da informação impede que o trabalhador planeje sua carreira dentro de uma organização. Diante da estrutura de trabalho que se desenha, não é possível contar com seguridade social ou estabilidade no emprego.

Segundo Rosembaum (2006, p. 2):

[. . .] nasce a sociedade do desamparo, das incertezas e também, por outro lado, da criatividade pessoal, da autonomia e liberdade. A desvinculação do trabalhador em relação ao seu empregador é uma das marcas da nossa era. Contudo, o paternalismo dos anos 50 ainda vigora como modelo ideal para os que projetam o futuro profissional das novas gerações, sem perceber que esse mundo está definitivamente definhando.

A vulnerabilidade do mundo do trabalho dissipou as possibilidades reais de segurança. As carreiras são instáveis, postos de trabalho são eliminados diariamente. As profissões são criadas, extintas ou redefinidas conforme o movimento das sociedades, dos interesses capitalistas, e da necessidade de criação, aplicação e aquisição de conhecimentos novos.

As carreiras são colocadas em xeque:

[. . .] Até os escritórios mais veneráveis e as fábricas mais orgulhosas de seu longo e glorioso passado tendem a desaparecer da noite para o dia e sem aviso; empregos tidos como permanentes e indispensáveis, do tipo “impossível viver sem eles”, se evaporam antes que o trabalho esteja terminado, habilidades outrora febrilmente procuradas, sob forte demanda, envelhecem deixam de ser vendáveis muito antes da data prevista de expiração; e rotinas de trabalho são viradas de cabeça para baixo antes de serem aprendidas. (BAUMAN, 2003, p. 46)

Os direitos sociais são eliminados, a mão-de-obra individualizada e o dever de trabalho se sobrepõem às obrigações com a construção de um mundo melhor. Em função desse isolamento e da ambição por melhores condições de trabalho e remuneração, as categorias entram em conflito, verdadeiros campos de batalha são formados em torno do trabalho, os confrontos entre grupos profissionais são constantes, a tentativa de estabelecimento de um lastro de atuação parece ser uma das maiores motivações desses grupos. Para Bauman (2005, p.42): “A idéia de um mundo melhor, se é que surgiu, se encolheu diante da defesa de causas atuais relacionadas a grupos ou categorias. Ela permaneceu indiferente a outras privações e desvantagens e ficou muito longe de oferecer uma solução universal e abrangente para os problemas humanos.”

O significado da carreira na Sociedade da Informação vem perdendo sua força, uma vez que ela já não garante status e a remuneração deixou de ser atraente. Substituem-se os sonhos por uma carreira ascendente em uma organização nacional ou multinacional, por uma vida que possibilite lazer, qualidade de vida e equilíbrio pessoal. Além disso, alternativas como o trabalho com consultorias e prestação de serviços para várias empresas, sem

vínculo empregatício, despontam para o trabalhador como forma para agir com autonomia e flexibilidade administrativa.

Uma das preocupações de Dowbor é em relação à forma como as TICs estão sendo encaradas no mundo do trabalho:

Ter mais tecnologias à nossa disposição e poder realizar mais com menos esforço não deveria representar uma ameaça. No entanto, os resultados práticos têm sido a concentração de renda, o desemprego, gente estressada e angustiada. Como é que conseguimos transformar avanços em dramas? (DOWBOR, 2004, p. 11).

A sociedade contemporânea é marcadamente individualista, sobre ela pesa a incerteza de um futuro onde a religião não está mais no centro das culturas, os fluxos migratórios são constantes e quase incontrolláveis. Enquanto isso, o hibridismo cultural, advindo da globalização e do impacto das tecnologias de informação e comunicação, se manifesta em todas as partes do mundo, o que torna necessária uma compreensão das identidades sociais em face da fragmentação imposta pela sociedade atual.

Indivíduos que compartilham sua cultura e princípios de visão comum, que se unem em comunidades, formam grupos que cultivam valores e interesses e que, enfim, identificam-se, povoam a sociedade contemporânea. As possibilidades de identificação são inúmeras, podendo o indivíduo ter identidade profissional, de classe, de gênero, territorial, étnica, entre outras, desde que possua algum tipo de afinidade que lhe permita a relação. O sentido atribuído ao ambiente, ao espaço social e simbólico, às normas, constitui, através de posições individuais, a posição do grupo; a familiaridade com os temas, as opiniões sobre eles, as semelhanças nas atitudes, interesses, ambições, entre outras, formam as identidades coletivas.

Smith (1997) identifica categorias que constituem a identidade individual. Para ele as categorias baseadas no gênero são universais e impregnam todos os âmbitos. Separadas geograficamente, divididas socialmente e fragmentadas etnicamente, as divisões de gênero têm de se associar a outras identidades que possuam um maior poder de coesão se quiserem inspirar consciência e ação coletiva. Em segundo lugar figura a categoria de espaço e território, a identidade local e regional. O localismo e o regionalismo possuem qualidade coercitiva, mas, com frequência, essa impressão é enganosa: as regiões podem se fragmentar em localidades e as localidades se desintegrarem em populações independentes.

Bourdieu (1989), por sua vez, analisa os sistemas simbólicos, a construção de sentidos, os sistemas de representação, inclusive no tocante a identidade, quando afirma:

Sabe-se que os indivíduos e os grupos investem nas lutas de classificação todo o seu ser social, tudo o que define a idéia que eles têm deles próprios, todo o impensado pelo qual eles se constituem como ‘nós’ por oposição a ‘eles’ aos ‘outros’ a ao qual estão ligados por uma adesão quase corporal. É isto que explica a força mobilizadora excepcional de tudo o que toca à identidade. (BOURDIEU, 1989, p.124).

As lutas identitárias são um caso particular de lutas das classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por meio desse, de fazer e desfazer os grupos. Com efeito, o que nelas está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de divisão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e unidade do grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade do grupo (BOURDIEU, 1989). O poder simbólico, portanto, está fundamentado no reconhecimento.

Deve-se levar em consideração o fato de que as identidades sociais são convenções e reproduções sociais necessárias e possuem um desempenho determinado no mundo social. Elas moldam os indivíduos, os formatam, os tornam uniformes, restringindo seus espaços, circunscrevendo suas relações ao grupo. É o estabelecimento do que Bourdieu (1989) chama *habitus*, processo pelo qual o eu e o mundo social moldam um ao outro.

Segundo Domingos Sobrinho (2000), as experiências acumuladas ao longo da trajetória de um grupo produzem os esquemas de percepção, de pensamento e de ação que guiam os indivíduos assegurando-lhes a conformidade e constância de certas práticas através do tempo. Uma vez estruturado, o *habitus* não cessa de produzir percepções, representações, opiniões, desejos, crenças, gostos e toda uma gama interminável de produções simbólicas (DOMINGOS SOBRINHO, 2000).

Embora muitos grupos tenham sua identidade estabelecida e, dentro do próprio grupo, os indivíduos possuam mais de uma identidade, alguns ideais de identidade estão fortemente arraigados - o que causa conflitos identitários, tensões e até guerras. Por isso o tema identidade traz agitações e muitas preocupações:

Juntamente com a revolução tecnológica a transformação do capitalismo e a derrocada do estatismo, vivenciamos no último quarto do século o avanço de expressões poderosas de identidade coletiva que desafiam a globalização e o cosmopolitismo em função da singularidade cultural e do controle das pessoas sobre suas próprias vidas e ambientes. Essas expressões encerram acepções múltiplas, são altamente diversificadas e seguem os contornos pertinentes a cada cultura, bem como às fontes históricas da formação de cada identidade. (CASTELLS, 2006, p. 18)

Algumas identidades nunca apresentaram problemas para o Estado. As identidades profissionais, familiares, entre outras, são exemplos. Elas constituem-se independentes do Estado, mas não o agredem de forma alguma, pelo contrário, dão sustentação a ele. Identidades étnicas e religiosas, por sua vez, causam preocupação ao Estado, pois a influência dessas identidades pode ser mais poderosa que a do próprio Estado.

2.1 Identidades profissionais: construção e auto-afirmação

Construídas ao longo de séculos, as identidades profissionais representam um comportamento coletivo em que os indivíduos de uma categoria profissional são interdependentes e compartilham experiências semelhantes. Dubar (1997), afirma que antes da expansão das Universidades, o trabalho era considerado uma arte e abrangia todos os que integravam as corporações e possuíam autorização para exercer determinado monopólio sobre uma profissão. As artes liberais e as artes mecânicas, os artistas e os artesãos, os intelectuais e os trabalhadores manuais provinham de um mesmo tipo de organização corporativa, que assumia a forma de “ofícios juramentados” nas “cidades juramentadas”, onde se professava uma arte. O termo profissão deriva, segundo Dubar, dessa “profissão de fé”, consumada nas cerimônias rituais de entronização nas corporações.

Ao longo do tempo as profissões foram sendo definidas. Isso gerou o interesse das pessoas em fazerem parte daquele mundo e daquela cultura profissional, de pertencer a um grupo específico, adquirindo, através de atividades sistemáticas de formação acadêmica e intelectual, condições para ingressar no grupo e compartilhar com seus membros uma identidade profissional. Para tal, uma série de requisitos burocráticos foram criados, como, por exemplo, o diploma, que abre acesso à carreira profissional.

As trajetórias biográficas dos indivíduos que compartilham a mesma profissão se entrecruzam. De início, normalmente se dá na Universidade, uma vez que, para o exercício profissional de nível superior, é necessária a passagem por uma faculdade, e é nela que os primeiros sinais de compatibilidades são despertados:

A formação inicial para um trabalho e um emprego, a qualificação e certificação obtida no quadro de uma instituição reconhecida para o fazer com vista à inserção e manutenção no mercado de trabalho deixou de ser uma relação natural e estável para se inscrever num quadro de encontros prováveis entre trajetórias possíveis (SILVA, 2006, p. 2073).

É na formação universitária do indivíduo que se dá sua construção identitária. Embora contribuam para a construção da identidade profissional seus sonhos acalentados na infância, seus projetos durante o curso secundário e sua preparação para o vestibular, bem como as influências familiares, de amigos e de professores durante o período de formação escolar, é inegável que, ao freqüentar a faculdade, ao conviver com pessoas que almejam atuar na mesma área, a construção de sua identidade começa a se fortalecer.

A identidade total do indivíduo, sendo assim, é composta por diversas identidades, sendo a identidade profissional uma das principais, pois é a forma como o indivíduo é percebido pela sociedade da qual faz parte. O papel ocupacional que desempenha é o que o define perante os membros dela, chegando mesmo a ser confundida com a identidade total do indivíduo. Terêncio e Soares (2003) comentam que perguntas do tipo “o que você vai ser quando crescer?” São feitas continuamente às crianças e mostram bem como essa fusão vai se processando desde cedo na vida individual, pois pressupõem uma resposta apenas em termos de ocupação profissional.

2.2 A construção da identidade profissional do bibliotecário e o papel das entidades de classe

A identidade de um grupo é dada pelas suas funções, pela capacidade na execução de algo, e pelo papel social que os indivíduos desse grupo desempenham. A sociedade é composta por indivíduos que possuem atribuições diversas e, desta forma, vivenciam os seus papéis sociais. Nesse contexto, o exercício profissional é a mais forte expressão desses papéis.

Sendo assim, nos deteremos na reflexão sobre o perfil do bibliotecário contemporâneo sob o ponto de vista dos dirigentes de classe da profissão. Como esses dirigentes percebem a construção da identidade profissional do bibliotecário na Sociedade da Informação:

No caso dos profissionais da informação, focalizando mais especificamente os bibliotecários, em cuja sociedade da informação deveriam, em tese, ter um papel de destaque, observa-se, em vários textos, que sua identidade é difusa, seus contornos modificam-se paulatinamente e seus valores ainda se constroem. (WALTER, 2004, p.289)

Sob o signo do paradigma informacional, o perfil profissional se altera, agora em função do uso intensivo dos recursos tecnológicos:

A construção e reconhecimento de valores podem ocorrer de diversas formas tanto espontâneas – ‘imitação’ de profissionais que estão em atuação e que indicam maneiras de atuar e de pensar a profissão – quanto decorrentes de normas regulamentares – como os códigos de ética e leis que regulamentam as profissões. De todo modo, as novas gerações embora incorporem aquilo que percebem, incluem novos olhares e paradigmas, especialmente por pertencerem à sociedade em que as tecnologias de comunicação e informação têm sido incorporadas, mesmo que de forma estratificada em decorrência das diferenças econômicas. (WALTER, p. 294-295)

Sendo assim, podemos constatar que as identidades profissionais não são estáticas, elas estão em constante transformação. Não basta obter um título acadêmico para investir na identidade bibliotecária, por exemplo, é necessária a convergência de interesses com os pares, semelhanças de atitudes profissionais, capacidades técnicas afins, entre outros recursos:

Nesse complexo comunicativo, relacional, interativo, em que o exercício de uma atuação profissional suporta a busca do sentido desejado por cada pessoa, os portadores do papel social de bibliotecário têm uma ampla demanda e uma intensa participação, sobretudo se for considerado que o papel social de bibliotecário carrega a expressão de duas missões básicas: a) Conhecer e utilizar os meios que levam a localização de qualquer fonte de informação cujo conteúdo possa a qualquer momento ser pedido por qualquer pessoa; b) produzir informação sintética, descritiva e analítica de todo o acervo físico, ou não, que constituído pelo conjunto de todas as fontes conhecidas tenha conteúdo que possa a qualquer momento ser pedido por qualquer pessoa. É a capacidade operativa do papel social de bibliotecário em atender a essas duas missões, cumulativa e simultaneamente, que faz com que as pessoas que são bibliotecárias sejam reconhecidas como prestadoras de serviços relevantes. (SOUZA, 2004, p. 101)

As mudanças organizacionais, paradigmáticas e sociais modificam as identidades profissionais, pois novos ambientes de interatividade são formados, novas exigências requeridas e o mercado profissional sofre alterações. Essas mudanças refletem-se nas novas habilidades que o profissional tem de adquirir, em uma nova atitude e comportamento diferenciado. Dessa forma os profissionais geram, eles mesmos, um redimensionamento de sua identidade profissional.

Conforme aponta (SOUZA , 2006, p. 41-42):

Reconhecimento social de campo de saber parece ter conexão direta com visibilidade social profissional e com identidade social profissional, pelo fato de que são os saberes teóricos, produzidos pela consolidação e transformação das práticas, ou os saberes científicos, produzidos com o emprego de estratégias exploratórias ou experimentais sob critérios de verificação de confiabilidade, de explicação ou de compreensão, que dão suporte para o exercí-

cio profissional e, por isso, para assegurar um ponto de partida aceitável para sua visibilidade social e identidade profissional.

No entanto, para Souza (2006), a visibilidade social de uma profissão é um fator que depende de que a sociedade tenha alcançado certo estágio de desenvolvimento econômico que a impulse a demandar mais atenção profissional de executores de práticas que poderiam ser ofertadas por outras especialidades. Na concepção do autor, no caso brasileiro, parece que ainda são pouco requeridas as práticas desenvolvidas pela profissão de bibliotecário e pelo cientista da informação. O próprio fato de a economia brasileira ser periférica em relação ao movimento econômico global, é um fator importante para essa restrição.

Em 1962, a profissão de bibliotecário foi regulamentada. Souza (2004), afirma que na experiência profissional brasileira, grupos de pessoas portadoras de certas ocupações ou profissões, sobretudo após o governo Vargas, demandaram e muitas obtiveram do estado, pela conquista de legislação própria, o credenciamento de seus papéis como de exclusivo exercício por quem estivesse registrado nas entidades previstas na respectiva carta legal, materializadas institucionalmente como conselhos profissionais ou sindicatos de trabalhadores conforme o caso.

Podemos, a partir dessa abordagem, afirmar que as representações sociais dos dirigentes de classe da profissão de bibliotecário estão ancoradas em suas práticas profissionais, enquanto bibliotecários, e também em suas práticas de direção, enquanto dirigentes: fiscalização do exercício da profissão, normalização técnica da área, legislação, execução de processos concernentes à área entre outras práticas, o que reforça a importância do estudo das representações desses sujeitos sociais.

No caso deste trabalho, são as percepções de um grupo composto por dirigentes de entidades de classe da profissão de bibliotecário que nos interessam, não só pelas suas representações em torno da construção da identidade profissional do bibliotecário contemporâneo, mas também pelo poder simbólico que esses dirigentes possuem, sendo eles que ditam as regras, as normas, os rumos da profissão.

Apoiados em Moscovici (1978), entendemos as representações sociais como o resultado da apreensão do real, o conjunto de significados e as apropriações de sentido realizadas pelos indivíduos através das suas relações com os outros em um contexto social. As representações se fundamentam naquilo que o sujeito vê, ouve, sente, pensa o mundo e tudo que o circunda, podendo ser compreendidas também como conhecimento social.

3 AS REPRESENTAÇÕES DOS DIRIGENTES DE CLASSE SOBRE AS PRÁTICAS E A IDENTIDADE DOS BIBLIOTECÁRIOS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Foi possível perceber, através das narrativas dos dirigentes de classe, que o processo de mudança nas práticas profissionais dos bibliotecários vem ocorrendo, especialmente, através do ensino nas faculdades de Biblioteconomia. As alterações das estruturas curriculares introduzem as inovações e atualizações necessárias para a adequação profissional às novas exigências do mercado. Como mostram as expressões: “adaptação dos currículos”, “capacitação de professores e alunos”, “análise da nova realidade informacional”. Conforme as narrativas que seguem:

As faculdades de Biblioteconomia estão em busca de inovações e atualizando seus currículos, inclusive, em alguns casos com a troca da nomenclatura do profissional. Há até faculdades que extinguiram a tradicional formação em Biblioteconomia e criaram o curso de Gestão da Informação. Há ainda outras faculdades que mantêm o curso, com um núcleo básico e depois com formação diferenciada. (MAURO, ENTIDADE DE CLASSE DO SUL DO BRASIL)

Considero que há uma expressa intenção de formar profissionais com uma identidade voltada para a realidade atual. Isso se comprova pelo fato do direcionamento de disciplinas que contemplam a tecnologia da informação e automação de processos técnicos, buscando uma adequação às novas exigências do mercado. Além da oferta de disciplinas à distância. No entanto, não se pode generalizar, pois a diversidade cultural e de condições de ensino no país é considerável. Além do que, essa é uma intenção, uma tendência, não necessariamente uma prática consagrada. Porém, penso que essa tendência venha a se firmar cada vez mais. (VALÉRIA, CFB)

A questão da formação do bibliotecário é encarada como tarefa das faculdades e escolas de Biblioteconomia, instituições que tradicionalmente exercem essa função. Isso reforça o que Dubar (1997) afirma sobre o papel da socialização secundária no processo de construção das identidades profissionais. Essa representação se evidencia nas seguintes expressões “currículos formativos”, “atualização de currículos”, “disciplinas que contemplam a tecnologia da informação e automação”, “educação continuada” e “identidade voltada à realidade atual”.

Em relação à “criação do curso de Gestão da Informação”, uma realidade já existente em uma universidade brasileira, sete, dos oito dirigentes, mostraram-se contrários à mudança da denominação profissional, embora não percebam de forma negativa a discussão. Segundo os dirigentes, a mudança na denominação significaria ficar à mercê da desregulamentação, da dificuldade de fundamentar uma nova identidade e da indefinição de um futuro profissional. É o que demonstram as narrativas abaixo:

Acho inútil tentar forjar uma imagem em função da denominação da profissão. Penso que o nome bibliotecário é bem vindo. Creio que muito dessa discussão em torno do nome não é relevante. Relevante é estudar a base da profissão, nossas práticas, teorias, técnicas, isso sim que é um esforço relevante. O reconhecimento social não depende de um nome como querem muitos. (FERNANDA, ENTIDADE DE CLASSE DO SUL DO BRASIL).

É inegável que existe um certo ranço com os termos biblioteca e bibliotecário, este ainda visto como um mero organizador de acervos bibliográficos. Muito por culpa dos próprios profissionais, que muitas vezes se encastelaram em suas bibliotecas e não souberam trabalhar a sua imagem. Mas não vejo como solução a mudança da denominação. Um novo nome corre o risco de perder o pouco de identidade profissional existente, pois há uma proliferação de novas especializações no mercado, gerando mais confusão na cabeça das pessoas. Por outro lado, uma mudança de nome hoje é legalmente inviável, pois a regulamentação da profissão, pela Lei 4084/62, só reconhece o Bacharel em Biblioteconomia. Para mudar isso, só mudando a legislação. Tentar mudar a lei é uma providência não muito recomendável neste momento, pelo risco de haver uma desregulamentação, posição defendida pelos parlamentares no Congresso Nacional hoje. (PEDRO, ENTIDADE DE CLASSE DO SUL DO BRASIL).

As representações em torno dessa questão demonstram que os dirigentes estão preocupados com a regulamentação da profissão, pois uma mudança na denominação levaria ao problema do amparo legal. Observa-se um sentimento dubio, eles percebem a discussão sobre a mudança na denominação profissional, no entanto, acreditam que ela é desejada apenas em função de status e visibilidade social, o que não compensaria os riscos com a desregulamentação.

Entre os impactos sociais dos usos das tecnologias de informação e comunicação nas bibliotecas e unidades de informação, está o processo de interação social dos bibliotecários com os usuários. Na concepção dos narradores, as relações sociais entre os bibliotecários e usuários passam por uma malha complexa de interações, pois dependem de vários fatores entre os quais “depende do profissional, de onde ele atua e do próprio usuário”. É o que podemos perceber nas narrativas abaixo:

Acho que nos vêem como somos, profissionais ainda muito tímidos. Na área especializada, quando assumimos a vanguarda na proposição de soluções e serviços de informação, somos respeitados. Já vi, num seminário de nível nacional, tratando de informação jurídica em ambiente digital, um profissional da área de informática declarar que o bibliotecário é o profissional capacitado para tratar do tratamento da informação. Analistas, programadores, especialistas em TI entendem apenas do ferramental. No âmbito das bibliotecas escolares e públicas, pela quase inexistência do profissional, considerando o universo de entidades e o pequeno número de bibliotecários empregados, acredito que as pessoas não tem idéia de quem seja este profissional. (PEDRO, ENTIDADE DE CLASSE DO SUL DO BRASIL).

Não se pode generalizar. Há profissionais amplamente reconhecidos, como há um grande percurso a ser feito rumo à plena valorização profissional. Citando alguns exemplos, pode-se dizer que os usuários de bibliotecas universitárias e instituições de pesquisa, e especialmente os usuários de bibliotecas jurídicas, certamente admiram e reconhecem a importância do trabalho de bibliotecário. Ao passo, que muitas bibliotecas no âmbito da administração pública em geral (em todas as esferas), encontram-se sucateadas, com sérias deficiências de recursos humanos e materiais, e até são fechados, sem que os usuários se sintam prejudicados com isso. Há muitas questões além dessas premissas, que vão desde a cultura do povo brasileiro, ausências de hábitos de leitura e de frequentar bibliotecas. Portanto, esse é um tema que permite muitos debates. (VALÉRIA, CFB).

As narrativas expressam, um pouco, a complexidade que envolve a construção da imagem do bibliotecário e da sua identidade profissional. Muitos usuários “reconhecem” o trabalho dos bibliotecários, outros desconhecem devido à falta de acesso a bibliotecas, principalmente no setor público onde o descaso com as bibliotecas é maior. Além disso, a cultura do brasileiro, falta de “hábito de leitura e de frequentar bibliotecas” favorece pouco o contato entre usuário e bibliotecário.

Outra questão abordada foi em relação ao bibliotecário contemporâneo, que perfil este profissional deve ter, e se há cinco anos já era esse o perfil existente. Entre as principais características apontadas, surgiram conceitos como: “Pró-atividade”, “capacidade de comunicação”, “educação continuada”, “visão empreendedora”, “bom relacionamento interpessoal”, “competência informacional”, “bom-humor”, “espírito inovador”, “capacidade de gerenciar” e “saber dar a informação”. Podemos verificar essas representações sociais através das narrativas abaixo:

Proatividade, bom humor, comunicabilidade. No passado era uma característica importante e continua mais necessária. Lidamos com pessoas. Ademais se antes atuávamos sob demanda, atualmente, a proatividade nos impõe atuar para gerar demandas. (JÚLIA, ENTIDADE DE CLASSE DO SUDESTE DO BRASIL).

O bibliotecário contemporâneo deve possuir dinamismo, deve estar focado na gerência de unidades e sistemas de informação, deve tratar a informação de maneira rápida e eficaz, deve dar prioridade às questões éticas e deve atuar na formação da cidadania. (MAURO, ENTIDADE DE CLASSE DO SUL DO BRASIL).

Podemos perceber que boa parte das características assinaladas pelos dirigentes é positiva. O cunho “pró-ativo”, de busca, capacitação, comunicação. Pró-atividade é a capacidade de estar à frente de um tempo, manter-se atualizado, dinâmico, não esperar que os

outros o superem, estar sempre adiante em suas idéias, atividades e vivências. Segundo os dirigentes, essa deve ser a característica fundamental de um bibliotecário.

Em relação às transformações no mundo do trabalho, os impactos das tecnologias e a construção da identidade profissional do bibliotecário nesse contexto, os narradores percebem alterações no perfil e nas práticas da profissão. Na visão dos dirigentes, “houve modificação na identidade”, ela está sendo “redimensionada”, “reconstruída”. As narrativas que seguem expressam essa constatação:

A identidade mudou. O profissional precisa de maior flexibilidade, estar próximo do usuário para reconhecer sua necessidade ou interesse informacional e atender esse usuário, do contrário será inútil e portanto desnecessário. (FERNANDA, ENTIDADE DE CLASSE DO SUL DO BRASIL).

Considero que em razão das modificações no mundo do trabalho e do impacto das tecnologias de informação e comunicação ocorreu uma sensibilização interna (na categoria) e externa (na sociedade – ainda que proporcionalmente menor) para um, eu diria, redimensionamento dessa identidade, o que não implica, necessariamente em modificação já concretizada. De alguma forma, essa sensibilização tem provocado alterações de comportamentos, discursos e ações concretas, o que nos impede de dizer que “permanece a mesma”. Entretanto esse redimensionamento de identidade está em processo, em andamento, o que nos impede de afirmar que já ocorreu uma modificação plena. (ADRIANA, CFB)

Na visão dos dirigentes, há uma série de características advindas desse redimensionamento da identidade profissional, entre eles: “maior flexibilidade”, “sensibilização interna (na categoria)”, “alterações de comportamentos, discursos e ações concretas”, “mudança nas percepções”. No entanto, também demonstram preocupação com a consolidação dessa nova identidade. É o que podemos constatar ao utilizarem representações como: “modificação não atingiu todos os profissionais”, “há aqueles que se comportam como simples guardiões”, “identidade desse profissional ainda precisa ser construída”, “atuar efetivamente nos espaços que surgem”, “baixa auto-estima, que é o principal entrave para a consolidação de uma identidade profissional adequada a sua capacidade de prestar bons serviços.”

As representações dos dirigentes, em torno da construção de uma identidade profissional do bibliotecário, demonstram que eles estão conscientes da modificação em trânsito, mas alertam que essa construção é parte da atuação dos bibliotecários neste contexto.

Quanto às perspectivas e as projeções de futuro para a profissão no contexto da Sociedade da Informação, os dirigentes representam como: “excelentes”, “ótimas”, “muitas perspectivas”, é o que podemos constatar através das narrativas abaixo:

As perspectivas são muitas. O grande desafio é organizar a informação no ambiente da Internet. Em palestra recente Sarda, mencionava essa importância, de pensar a informação no ambiente eletrônico, virtual. Concordo com ele, penso que essa é a perspectiva. A informação registrada no suporte papel pode se tratar de uma forma simples, com técnicas que dominamos bem, o desafio é o ambiente virtual. (FERNANDA, ENTIDADE DE CLASSE DO SUL DO BRASIL).

As perspectivas são ótimas, se soubermos capitalizar nossa formação técnica, nossa capacidade de estruturar e disponibilizar a informação. Mas além de adequar nossa qualificação, temos urgentemente que aumentar nossa presença no mercado, em quantidade e qualidade. Temos que ter mais atitude. (PEDRO, ENTIDADE DE CLASSE DO SUL DO BRASIL).

As representações sociais dos dirigentes de classe da profissão de bibliotecário estão ancoradas em suas práticas profissionais, enquanto bibliotecários, e também em suas práticas de direção, enquanto dirigentes: fiscalização do exercício da profissão, normalização técnica da área, legislação, execução de processos concernentes à área entre outras práticas, o que reforça a importância do estudo das representações sociais desses indivíduos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Paradigma Informacional, através das TICs, tem influenciado o mundo do trabalho, gerando modificações em muitas profissões e redimensionando o curso das carreiras, em especial nas rotinas dos profissionais que possuem como insumo básico de trabalho a informação. Os profissionais formados em Biblioteconomia, por muito tempo, tiveram suas ações voltadas para as atividades de biblioteca, agora, vêem-se diante de novos processos e ambientes, o que exige atualização, a fim de garantir a continuidade de sua profissão.

Os dirigentes identificam o advento da Sociedade da Informação, as modificações no mercado de trabalho e as atualizações propostas pelas Faculdades de Biblioteconomia, como os fatores responsáveis pelos processos de mudança que estão ocorrendo no interior da profissão, principalmente em função do uso intensivo das tecnologias de informação e comunicação nas rotinas de trabalho.

É importante levar em consideração que os órgãos de classe dos bibliotecários possuem papel fundamental na manutenção de um *status quo* profissional, conquistada e am-

parada com reconhecimento legal. As mudanças que estão ocorrendo no mundo do trabalho não causam uma ruptura com as práticas do passado, nem ameaçam as funções desempenhadas pelos bibliotecários no mundo contemporâneo, mas redimensionam a sua identidade profissional.

O estudo aponta para a necessidade de mais pesquisas a respeito das representações, da construção da identidade profissional e do papel das entidades de classe nesse processo de mudança, pois só a partir da reflexão crítica é possível projetar o futuro da profissão, bem como articular ações que dêem visibilidade às práticas profissionais e às novas perspectivas que se abrem no contexto da Sociedade da Informação.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

DOWBOR, L. **O que acontece com o trabalho?** 2. ed. São Paulo: SENAC/SP, 2004.

DUBAR, C. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Porto: Porto Editora, 1997.

FIGUEIREDO, M. A. C. de. SOUZA, R. R. Aspectos profissionais do bibliotecário. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. 24, p. 10-31, 2º sem., 2007.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

HALL, S. The work of representation. In: HALL, S. (Org.). **Representation**: cultural representations and signifying practices. London: Thousand Oaks, 1997.

MORIGI, V. J.; PAVAN, C. Tecnologias de informação e comunicação: novas sociabilidades nas bibliotecas universitárias. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 1, p. 117-125, jan./abr. 2004.

MOTTA, L. G. **Narratologia**: análise da narrativa jornalística. Brasília: Casa das musas, 2004.

ROUQUETTE, M. Representações e práticas sociais: alguns elementos teóricos. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2. ed. Goiânia: AB, 2000. p. 39-46.

SOUZA, F. das C. de. A formação acadêmica de bibliotecários e cientistas da informação e sua visibilidade, identidade e reconhecimento social no Brasil. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 16, n. 1, p. 23-34, jan./jun. 2006.